

02-01-2026

BOROGODÓ**Benjamim Pereira Vilela**

[Geógrafo. Professor Instituto Federal de Goiás. Doutorando UFJatá. Grupo Estudos e Pesquisas "Espaço, Sujeito e Existência". Inst. Cult. Educ. Bernardo Élis para os Povos do Cerrado/ICEBE]

Tenho um amigo de longa data que vive os dilemas de relacionamentos deletérios. Ele sempre enfatiza que busca uma vida calma e uma relação amorosa estável. Quer ter filhos, passear com os cachorros e ir à feira aos domingos. Mas, para isso, precisa encontrar alguém que compartilhe os mesmos propósitos. Conversamos, eu e esse amigo, muito sobre a vida e sobre os dilemas existenciais. Estamos sempre ao telefone debatendo esses assuntos que ocupam suas pautas cotidianas. Ele alega que só encontra namoradas bravas, nervosas, descompromissadas e que não querem nada sério. Algumas desaparecem por dias e depois voltam. Ele nunca consegue se conectar verdadeiramente com nenhuma delas. Recentemente, algo mudou na rotina desse meu amigo. Como professor, ele precisou levar um aluno que se machucou a um posto de saúde. Lá, um enfermeiro o encaminhou para o atendimento de uma médica. Como os pais do adolescente estavam trabalhando e não podiam comparecer de imediato, ele ficou aguardando o procedimento. A médica mostrou-se extremamente solícita, providenciou medicamentos e curativos e, ao final, pediu que o professor lhe desse notícias sobre o estado de saúde do estudante. Para isso, a doutora lhe passou seu número de telefone. Os detalhes seguintes eu não sei – ele não contou e eu não perguntei. O fato é que, no mesmo dia, ele informou à doutora que o jovem estava bem e logo os dois começaram a conversar. Ela perguntou se ele estava solteiro; ele disse que sim. Ela também. A conversa desenrolou-se naturalmente e logo marcaram um encontro, que rapidamente desembocou em romance. Em pouco tempo, ela o levou para conhecer a família, e ele fez o mesmo. Pareciam o casal perfeito. Ela, uma mulher emocionalmente estável, atenciosa e cuidadosa; ele, como me confessou, esforçava-se para ser um homem presente, gentil e afetuoso. Quando ela o convidou para passar um fim de semana na fazenda dos pais, ele ficou encantado. Foi amistoso e muito bem recebido pelos sogros. Contudo, após alguns meses de relacionamento, ele me procurou dizendo que queria terminar. Perguntei o motivo. Ele admitiu que ela era maravilhosa, inteligente e que os diálogos eram sempre enriquecedores. Mas, segundo ele, ela era “sem graça”. Faltava aquela atração magnética e frenética; o frio na barriga; o que alguns chamam de “borogodó”. Eu o questionei: *"Mas isso é realmente o mais importante? O amor, o afeto e o companheirismo não seriam mais relevantes? Isso já não existe entre vocês?"*.

Ele concordou que esse "borogodó" é pouco significativo para a construção de uma vida a dois e que, geralmente, traz mais angústia e insegurança do que paz e tranquilidade. Nessa esteira, trouxemos para a conversa o debate acerca da "epidemia de vício emocional", tema recorrente nas pesquisas de neurociências, filosofia, psicologia e psiquiatria. Autores como Ana Beatriz Barbosa Silva e Flávio Gikovate apontam que essa condição altera profundamente o modo como as pessoas se relacionam. Gera-se uma normalização de desvios que deveriam ser melhor avaliados, visto que podem trazer prejuízos e dores evitáveis. Não quero dizer que meu amigo esteja cometendo "desvios", mas talvez esteja viciado na busca constante por emoções fortes. Isso pode levar a uma procura infinita por situações que proporcionem adrenalina e picos de excitação. Os vícios emocionais levam as pessoas a se tornarem dependentes de certos estados afetivos – como o estresse, a ansiedade ou o drama – para obter prazer ou fugir de dores internas profundas. Para Gikovate, é exatamente o que acontece com grande parte das pessoas na atualidade: um movimento frenético em busca de picos emocionais. Esse comportamento busca alento em situações fugazes e na imersão descontrolada nos prazeres. Tal condição, consciente ou inconsciente, impulsiona a busca por intensidades que acabam acarretando perdas significativas e adoecimento mental. Autores como Byung-Chul Han e Candace Pert sugerem que é preciso buscar outros caminhos: romper com o mundo acelerado e dialogar com o que é essencial e simples. É necessário buscar nos pequenos gestos a essência da vida; saber contemplar as paisagens e ler as narrativas lentas. Do contrário, tudo passa como um raio de luz, sem deixar rastro. Esse vício pode aumentar a necessidade de validação e gerar compulsões, insatisfação generalizada e relacionamentos disfuncionais. É o que creio estar ocorrendo com meu amigo. Mesmo diante da possibilidade de um relacionamento frutífero, ele ainda se sente atraído pelo desejo da espera, pelo "fora", pelo sexo avassalador e pela instabilidade.

Sem fazer juízo de valor, disse a ele em nossa última conversa que deveria "firmar o pé" com a médica. Ter uns quatro filhos, mudar-se para uma chácara, criar galinhas e alimentar os pássaros. Ser feliz, enfim. Esses picos emocionais são pequenos se comparados à profundidade de outras instâncias da vida.

Concluo com a reflexão de que na sociedade da informação e do desempenho estamos todos suscetíveis a esses vícios.

Portanto, o exercício da alteridade e a busca pelo reequilíbrio são passos vitais para não nos perdermos de nós mesmos.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.